



## APRESENTAÇÃO DOS VENCEDORES DA 7ª EDIÇÃO DO PRÉMIO DE REVELAÇÃO LITERÁRIA UCCLA-CML: NOVOS TALENTOS - NOVAS OBRAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

O júri do “Prémio de Revelação Literária UCCLA /CML – Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa” vem informar os resultados do concurso, publicamente lançado em 28 de agosto de 2021 e encerrado em fevereiro de 2022. O Júri, reunido a 27 de abril de 2022, em plataforma digital, decidiu, por votação maioritária:

### 1. OBRA VENCEDORA:

- *Caligrafia*, (texto de poesia) de **Alexandre Siloto Assine**, brasileiro, de 34 anos, residente em Campinas, residente em São Paulo, Brasil.

### 2. DUAS MENÇÕES HONROSAS:

- *Três Dias em fevereiro*, romance de **Ricardo Manuel Ferreira de Almeida**, português, de 49 anos, residente em Vila Real, Portugal;
- *A Invasão*, prosa de **Luís Henrique Aguiar**, brasileiro, de 54 anos, residente no Rio de Janeiro, Brasil

### 3. RECOMENDAÇÃO DO JÚRI A PUBLICAÇÃO

- *O DIÁRIO*, prosa de **Amílcar Campos Bernardi**, brasileiro, de 55 anos, residente em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

A relevância do Prémio levou a CML a associar-se a ele deste 2021, com a entrega do prémio pecuniário ao vencedor, no valor de 3.000 €.

### Nota sobre o conjunto das candidaturas

**A capacidade de atração do Prémio Literário UCCLA-CML ampliou-se a todos os continentes totalizando, nesta 7ª edição, 15 países, incluindo os países lusófonos:**

Recebemos obras em língua portuguesa, vindas da **Ásia** (Japão), de **África** (PLP), da **América** (Canadá, EUA), da **Europa** (suécia, Suíça, Eslovénia).

O Brasil tem tido sempre o maior nº de candidaturas.

**Desde a primeira edição, que este Prémio se consolidou como o maior, a nível de candidaturas, num concurso de revelação literária de todo o espaço da Língua Portuguesa.** Ao concurso só pode concorrer, quem nunca editou uma obra literária. Tem sido um **sucesso**, no seu objetivo de promover a escrita entre **jovens**, que contabilizam **cerca de 60%** dos candidatos; quanto **às mulheres, são 35%**. Por outro lado conseguimos um diálogo de gerações, atraindo ao nosso concurso **vários de escritores seniores**, com idades entre os 80 e os 90 anos.

**O júri de 2022 incluiu na sua composição escritores e professores de todos os países de Língua portuguesa:**

**Domício Proença**, Brasil; **Germano Almeida**, Cabo Verde; **Hélder Simbad**, Angola; **Inocência Mata**, São Tomé e Príncipe; **Pires Laranjeira**, Portugal; **Luís Carlos Patraquim**, Moçambique, **Luís Costa**, Timor, **Tony Tcheka**, Guiné Bissau, **Yao Jing Ming**, Macau; pelo **Movimento 800 anos da Língua Portuguesa - João Pinto Sousa**; pela **UCCLA - Rui Lourido**.

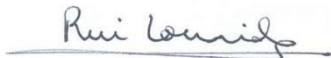
O Júri quer expressar o seu reconhecimento a toda a equipa da UCCLA<sup>1</sup> pelo seu empenho, naturalmente, uma primeira palavra de reconhecimento ao Secretário-geral da UCCLA, **Dr. Vítor Ramalho**.

Queremos deixar, igualmente, uma palavra também muito especial de reconhecimento público ao consultor do Júri, o poeta e crítico literário - **António Carlos Cortez** pelo seu excelente trabalho de coordenação da equipa de pré-seleção das obras a apresentar ao Júri.

A obra vencedora será publicada pela Guerra e Paz Editores e estará à venda nas livrarias de Portugal, pelo que agradecemos ao seu editor Manuel da Fonseca

#### **Vencedores anteriores do Prémio UCCLA**

- 2021 - “O Sonho de Amadeu”, de Leonardo Costa Oliveira, Brasileiro, ed. Guerra e Paz
- 2020 – “O Heterónimo de Pedra”, de Henrique Reinaldo Castanheira, Português, ed. Guerra e Paz
- 2019 - “Praças”, de António Pedro Serrano de Sousa Correia, Português e natural de Angola, ed. A Bela e o Monstro
- 2018 – “Equilíbrio Distante”, de Óscar Maldonado, de nacionalidade Paraguaia, a residir em São Paulo, no Brasil, ed. A Bela e o Monstro
- 2017 - “Diário de Cão” de Thiago Rodrigues Braga, de nacionalidade Brasileira, natural de Corumbá, Goiás, Brasil, ed. A Bela e o Monstro
- 2016 – “Era uma vez um Homem” de João Nuno Azambuja, de nacionalidade Portuguesa, ed. A Bela e o Monstro



Rui Lourido

Coordenador do Prémio Literário e do Setor Cultural da UCCLA

<http://www.uccla.pt/premio-literario-uccla>

---

<sup>1</sup> No apoio à Coordenação, na receção, organização das candidaturas e elaboração de quadros dos dados agradecemos à Dr<sup>a</sup> Raquel Carvalho, agradecemos igualmente à Dr<sup>a</sup> Filomena Nascimento, no apoio técnico a colaboração dos estagiários Adalgisa Monteiro e de Diogo Santos e na divulgação nas plataformas UCCLA à Dr<sup>a</sup> Anabela Carvalho.

## Sinopses das obras premiadas

(autoria do crítico literário António Carlos Cortez )

### VENCEDOR 2022:

**Caligrafia**, (texto de poesia) de **Alexandre Siloto Assine**, brasileiro, de 34 anos, residente em Campinas, residente em São Paulo, Brasil.

“manhã azul/ folhas na garagem/ e na minha lápide”, eis um haikai – um de entre muitos – que revela a singeleza deste livro de poesia. Título rigoroso, simples, aqui encontramos, num discurso em que o ‘eu’ se vai revelando verso a verso, a escrita pensando-se, meditando as suas condições de possibilidade. Num dos poemas lemos um soneto que revela a originalíssima dicção desta voz que se fixa nessa caligrafia movente – entre o clássico (o soneto), o verso livre (a poesia moderna) e a inventiva oriental, os haikais, reforçando a sobriedade do volume. Mas leia-se este soneto, verdadeira arte poética:

*nenhum conto do eu, nenhum alarde  
do contar impossível de auroras  
nervos e carne, sim, como amoras  
no seio de cor e dor da tarde*

*tarde, hemorrágica e frugal, arde  
sem se dar, se dá a cada hora  
que antes arder a um gozar covarde  
arde ainda, para arder embora*

*nenhum conto do eu, nenhum fim,  
começo: habitar o tempo, sim  
e habitado, esquecê-lo. e tecer*

*no vento outra forma de nascer:  
um cântico muscular sem mim  
a revelação de si sem ser*

### Duas Menções Honrosas:

**Três Dias em fevereiro**, romance de **Ricardo Manuel Ferreira de Almeida**, português, de 49 anos, residente em Vila Real, Portugal. Fixemos o modo como esta escrita se apresenta:  
CAPÍTULO QUINTO

[Onde se fala de Beltrana, porteira do prédio de Alcântara, senhora que vigia as entradas e saídas de todos os inquilinos que passamos agora, pois ainda não é tarde, a ordenar por piso: no primeiro andar direito, vive ela com o seu marido Heitor, um antigo inspector, no terceiro esquerdo, vive Borges, um futebolista reformado]

Raios me partam, se fosse no tempo de Salazar, estes filhos da mãe eram todos corridos à rajada, vociferava a ferver o Senhor Heitor, ante o noticiário das oito horas da noite. Este comuna daqui de cima, este monte de esterco que não seria nada se não fosse cabecilha do sindicato dos malandros que só sabem protestar e pedir aumento de salário, deve estar por trás disto tudo, como sempre, porque esta raça cresce como cogumelos que os chibos da Rússia regam e fazem florescer, dizia, mas a Rússia já não é comunista homem,

tu não ouviste o que disse o professor Abelardo naquela altura em que vocês os dois se pegaram ali no café do Martins por causa disso, berrou da cozinha a porteira, indulgente, eu quero que ele se encha de moscas, outro comuna com a mania que sabe muito, protestou o antigo inspector, roçando as mãos brancas no tecido gasto da toalha de mesa. Não fales assim, que ele ainda ouve, censurou à porta da sala Beltrana, uma grossa mulher vinda de Viseu e que o encontrara em Lisboa, depois do vinte e cinco de Abril, o marido, escondido das balas que a população, em fúria contida durante anos [...]

Romance de revisão da História, atravessando três dias que são, no fundo, símbolo de uma espécie de travessia do deserto, suspensão da própria sucessão dos ventos da História, este é um poderoso romance em que a Pide, Portugal, a vida dos inúmeros sicranos e beltranos da vida que todos conhecemos são postos sob equação. Num ritmo bem calibrado, com enorme poder de sugestão, as cenas vivas que aqui aportam colocam uma questão que não é secundária: este romance é também uma revisão do próprio estatuto do romance?

### **A Invasão**, prosa de **Luís Henrique Aguiar**, brasileiro, de 54 anos, residente no Rio de Janeiro, Brasil

“Na verdade, eu passei a ter os dois nomes: Rondinelli era o do dia a dia, pelo qual todos conheciam; era só perguntar por Rondinelli no Complexo do Salgueiro, Menino de Deus, Chumbada, Jardim Catarina, nos bailes funks do Morro do Castro, Jardim Miriambi, em qualquer favela de São Gonçalo, que todos sabiam quem era. Já Dídimo Ferreira dos Santos era o nome que constava no mandado de prisão que há meses tava na minha cola. Não falei que virei dois?

Depois de ser preso, soube que foi feito um a-di-ta-men-to (que porra era isso?) no mandado de prisão pra constar o meu apelido: vulgo do nacional: RONDINELLI, com dois ‘l’ e ‘i’ no final. Enquanto era procurado como Dídimo Ferreira dos Santos, a polícia não me encontrou. Mas quando um P2, à paisana, me chamou de Rondinelli e pediu um cigarro, eu atendi. Daí ouvi o que nenhum cara como eu quer ouvir: “Perdeu”. Fiquei quase três anos na cadeia por furto qualificado de carro, crime que cometi quando tinha vinte e dois anos.”

Eis um exemplo de como o autor deste conjunto de contos domina a arte de contar. Contos sobre a identidade do nome ou o nome como identidade, histórias de pessoas comuns que desejam o sonho, a vida mais além, como disse Rimbaud. Mas aqui, num idioma bem carioca, actuando no mundo violento e escasso de utopia como é hoje o Brasil, ou o Rio, sua metonímia, estes contos revelam algo mais: cada personagem simboliza cada faceta daquilo que é, ou foi, o sonho brasileiro: viver com alegria, com simplicidade. Sucede que o narrador, seja quando é personagem, seja quando conta em deferido, embate não só no inferno trágico-cómico desse Brasil adiado, contando com a ironia para desmontar, à Rubén Fonseca, a violência, as frustrações dum povo sofrido.

### **RECOMENDAÇÃO DO JÚRI A PUBLICAÇÃO**

#### **O DIÁRIO**, prosa de **Amílcar Campos Bernardi**, brasileiro, de 55 anos, residente em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

O título é enganador. *O Diário* é um exercício híbrido de literatura que parodia a própria literatura. Sobretudo, este livro tem a particularidade de pôr em confronto permanente o real que o narrador escreve e a irrealdade que parece rodeá-lo. Jamille, entidade feminina, existe? Cenas alucinatórias, a busca incessante pelo sentido existencial no exacto momento em que se escreve um diário, isso torna este livro um caso modelar de como a literatura pode convocar, no acto de ler, fantasmas, memórias soterradas pelos sonhos irrealizados. A escrita realiza-os, quem sabe... Um exemplo desta prosa viva é este excerto em que o narrador, auto-ironizando, retoma, relembra o fio da sua história – processo que lembra, em alguns momentos, Clarice Lispector: «Retornando a narrativa para antes deste último avanço no tempo. A linearidade temporal é quase impossível para mim! ...»